



Guilherme Purvin <gpurvin@gmail.com>

[GP-LEDAL] Resumo da Reunião GP-LEDAL 13 — Manuel Scorza, Garabombo, el invisible - Segunda balada do ciclo La guerra silenciosa — leitura dos capítulos 1 a 5

1 mensagem

'Guilherme José Purvin de Figueiredo' via Grupo de Pesquisa - Literatura, Ecologia e Decolonialidade/América Latina <gp-ledal@googlegroups.com>
Responder a: gp-ledal@googlegroups.com
Para: gp-ledal@googlegroups.com

22 de junho de
2026 às 15:43

Participantes: 1. Ana Cristina, 2. Audrey Quast, 3. Diná Santana, 4. Guilherme Purvin, 5. Karla Cristina, 6. Marcos Alcy, 7. Marina Yukawa, 8. Silvana Paulos e 9. Verônica Diana Cardoso.

1. Situando o romance no ciclo

Garabombo, el invisible é a segunda balada da pentalogia. Dá continuidade a *Redoble por Rancas* (*Bom dia para os defuntos*), e como aquele, **não é linear**: a narrativa é fragmentada e não segue ordem cronológica. Por isso a leitura pede um grupo atento, anotando e identificando o que de fato se repete — diferentemente de um clube de leitura, onde a fruição bastaria. Vale, aliás, montar um mapa de personagens, como fiz para *Redoble*: aparece muita gente, mas poucas figuras são realmente relevantes, e isso só se percebe aos poucos.

A ação se passa **dezoito meses após o massacre de Rancas**, ou seja, por volta de **1962**, na mesma região de *Redoble*: Cerro de Pasco. O subtítulo de *Bom dia para os defuntos* — "o que aconteceu dez anos antes de o coronel Marruecos fundar o segundo cemitério de Tinti" — já era uma **prolepse**, uma antecipação desta história. Scorza não escreveu ao sabor do sucesso: desde a primeira linha do primeiro volume havia um projeto, com as indicações do que viria adiante.

2. Os paratextos: epígrafe, nota autoral e dedicatória

Scorza trabalha intensamente com aquilo que Gérard Genette estuda em *Seuils* (em português, *Pórticos*): **paratexto e peritexto** — títulos, epígrafes, notas, prefácios, posfácios, tudo o que não integra o corpo do romance mas o emoldura. No caso de Scorza, esse aparato é central: ele acrescenta o tempo todo notas, notícias de jornal, apresentações.

A epígrafe (Livro de Jó). Enquanto *Redoble* abria com Kundera ("*Tout sera oublié et rien ne sera réparé*", de *A brincadeira*), *Garabombo* abre com a frase bíblica: **"e só eu me salvei para vir trazer a notícia."** Ela vem do início do Livro de Jó: sucessivos mensageiros chegam, cada um portador de uma desgraça maior — os bois e jumentas tomados pelos sabeus, o fogo que consome as ovelhas, os caldeus que levam os camelos, a casa que desaba sobre os filhos —, e cada relato se encerra com a mesma fórmula. O texto encena a **resignação e a fé de Jó diante da catástrofe**; e a estrutura — cada um carregando uma notícia mais terrível — espelha a própria sequência da pentalogia, em que a tragédia move as pessoas e mesmo assim a luta prossegue.

Convém registrar, porém, que **Scorza era marxista e ateu**: não há aqui adesão religiosa. A epígrafe é usada em chave literária, comparando a persistência da luta popular peruana contra o feudalismo à obstinação do justo.

A herança intertextual (Melville). Essa epígrafe não é uma sacada original: **Herman Melville já a usara no epílogo de *Moby Dick*** — "*And I only am escaped alone to tell thee*". Quem procurar a passagem provavelmente a encontrará referida a Melville, não a Scorza. Temos, portanto, uma cadeia: Jó → Melville → Scorza.

A nota autoral ("Notícia"). Diferentemente da epígrafe, a nota que abre o romance é **assinada "M.S."**. Nela, Scorza afirma que o livro é também um capítulo da "guerra calada" entre a sociedade nativa do Peru e os sobreviventes das grandes culturas pré-colombianas, e narra que, dezoito meses após Rancas, a

comunidade de Yanahuanca, comandada por **Fermín Espinoza — o Garabombo —**, recuperou os territórios das fazendas Uchamarca, Tinche e Pocoyán. Ao assinar, Scorza **sai da posição de narrador e assume a voz do escritor**: aquilo não é fala de personagem, é ponto de vista do autor. O movimento culminará no quinto volume, *La tumba del relámpago*, em que **Manuel Scorza se torna personagem do próprio ciclo**.

A dedicatória, por fim, é a Cecília.

Pontos a fixar na "Notícia":

- **Uchamarca, Tinche e Pocoyán não são cidades nem topônimos inventados: são latifúndios reais.** Os "tintinos" são os moradores e trabalhadores da fazenda Tinti — não um gentílico. Essas grandes fazendas funcionavam como aldeamentos/colônias, com comunidades inteiras (ordenha, lavoura), a ponto de terem cemitério próprio — quase municípios. (Observação trazida em aula: na América hispânica, como em Portugal, muitos sobrenomes derivam justamente desses latifúndios e localidades.)
- **Referência expressa a povos indígenas.** É uma das raras vezes em que Scorza nomeia diretamente "a sociedade nativa" e "as grandes culturas pré-colombianas". Ao contrário de José María Arguedas, Ciro Alegría, Jorge Icaza ou Alcides Arguedas, Scorza costuma se afastar do indigenismo declarado. Para um grupo voltado à decolonialidade, vale registrar esse reconhecimento das comunidades originárias (quéchua, aimará).

3. Capítulo 1 — "Do lugar e da hora em que os incrédulos tintinos comprovaram que Garabombo era transparente"

O romance começa pelo aparentemente fantástico. **"Invisível" e "transparente" aparecem quase como sinônimos** — embora haja diferença lógica entre o que não se enxerga e o vidro que se atravessa com o olhar, não encontrei, ao longo do livro, simbolismo consistente que separe os termos.

Dois recursos formais a destacar:

- **Itálico e voz comunitária.** A abertura vem toda em itálico. Está em terceira pessoa, mas não é o narrador onisciente: intui-se que é **a voz da comunidade** relatando o que se passou — uma transcrição de outra voz.
- **In medias res.** Entramos na ação já em curso. O conectivo **"então** todos comprovaram..." pressupõe algo anterior, um pedaço que falta. Distingamos:
 - **In medias res** — entra-se no meio, em geral com um conectivo. Exemplos na literatura brasileira: a abertura de "A máquina do mundo", de Drummond ("E como eu palmilhasse vagamente / uma estrada de Minas, pedregosa..."), e a de *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo ("Contudo, nunca foi bem estabelecida a primeira encarnação do alferes...").
 - **Prolepse** — antecipação lançada ao futuro, sem conectivo gramatical, como efeito estritamente literário. O exemplo máximo é a frase mais célebre da literatura latino-americana do século XX, abertura de *Cien años de soledad* ("Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento..."). Scorza usara a prolepse já na primeira frase de *Bom dia para os defuntos*. (Note-se a inspiração de João Ubaldo em García Márquez: ambas as aberturas convocam um fuzilamento e remetem às ditaduras latino-americanas.)

O capítulo apresenta, em sucessão, várias personagens: Melecio Cuellar (cunhado de Garabombo), Amalia Cuellar (sua mulher), o procurador Corasma (primo e aliado-rival de Garabombo — no mesmo barco, mas em permanente atrito), e Amador Caetano, "o Sorridente" (ex-sargento de infantaria). Todos reagem com espanto: Garabombo atravessa uma praça apinhada de soldados **impunemente**, sem ser metralhado — só pode estar invisível.

A invisibilidade é **metáfora do descaso**: quanto maior o status político, mais se ignora a existência do povo. É o **inverso de "A roupa nova do rei"** — lá, o rei está nu e todos o veem vestido; aqui, Garabombo existe e todos o dizem invisível. Mas a invisibilidade também se cura: como aponta a passagem da prisão (p. 31 da ed. bras.), "nunca tive melhor escola que a prisão; ouvindo as discussões

dos políticos a gente aprende. Don Juan, não sou invisível." É na cadeia que ele aprende a **raciocinar politicamente**.

Nota de tradução: na p. 2 da edição brasileira, Garabombo é dito "valentíssimo mas **fanfarrão**", o que destoa da personagem. No espanhol: "valentísimo pero *jactancioso*". Ele é vaidoso, autoconfiante, "se achante" — mas sóbrio, jamais um fanfarrão fazendo bagunça. Ademais, como se verá, Garabombo está longe de ser simpático e pacífico como o Fortunato de *Redoble*.

4. Capítulo 2 — "Onde se verá que, como em toda parte, cresce a erva má"

Capítulo que choca, porque deixa claro que **Scorza não escreve para nos tornar simpáticos aos personagens**. Não são "fofos" lutando contra a injustiça.

Garabombo e Caetano, em caminhada, descobrem um **destacamento militar escondido** nas redondezas de Tinti, às vésperas de uma ocupação planejada coletivamente (Garabombo, Caetano, Corasma). Garabombo havia mandado recuar — e o capítulo confirma o acerto da decisão. O motivo combina **razão revolucionária e crença mítica**: o Ladrão de Cavalos de sonhos premonitórios, de *Redoble* sonhara que a retomada naquela data terminaria em massacre, por causa de um traidor. Mistura típica do universo andino, com seu **síntetismo religioso**.

Para apurar a traição, recorre-se a um **crucifixo "miraculoso"**, benzido (por dez sóis) pelo padre Chasán — figura que, ao longo do ciclo, evolui de padre malandro a personagem mais sóbrio. Cada um beija o crucifixo e jura. Chega-se a **Rufino Cruz**, homem simplório e amedrontado, que confessa: por orgulho, não por má fé, gabou-se ao capataz Manzanedo de que os tintinos logo comeriam na casa dos patrões; o capataz delatou. Foi bravata de ingênuo — mas revelou o segredo do grupo.

O desfecho, dado quase de passagem na última frase: "*Garabombo se levantou. Em sua mão tremia uma faca.*" É o **justiçamento** — Garabombo mata o companheiro, como nessas organizações de luta armada (e, guardadas as proporções, como nas facções criminosas atuais). Esse é o espírito do romance: nada condescendente, todo determinação.

Dúvida em aberto (a confirmar em releitura): tudo indica que é por esse assassinato que Garabombo é preso — e é na prisão que se forma politicamente.

5. Capítulo 3 — O retorno da prisão

Garabombo volta após **trinta meses** preso. A primeira pessoa que encontra é o farmacêutico **Lovatón**, que o acolhe e lhe dá uma sopa, pondo a conversa em dia. Garabombo descobre que **companheiros de prisão que ele próprio defendera mudaram de lado** (Remigio Sánchez e outros), indo trabalhar para os genros do gamonal. Eles fingem não vê-lo — retorna o motivo da (in)visibilidade, agora por escolha: preferem não encarar um antigo companheiro de luta.

6. Capítulo 4 — Os cavalos e a Constituição

Capítulo divertido: Abígeo, Garabombo e os **cavalos conversando**, com destaque para Girassol, o cavalo fofoqueiro, sempre querendo se meter. Serve sobretudo para situar quando Garabombo teria ouvido a revelação do traidor.

Aqui surge um núcleo decisivo: o padrão exigia as meninas ao completarem 15 anos; quando avançou sobre **Amália**, Garabombo se recusou a entregá-la, foi reclamar — e foi nesse momento que se descobriu "invisível". Em seguida, **lê a Constituição**. (O Abígeo adverte: há coisas que é melhor não saber — "por isso você está aqui".)

Para a área jurídica, daria uma tese: a Constituição peruana da época, como a brasileira de 1988, traz um belo rol de direitos individuais e trabalhistas — **que não se aplicam**. E a não aplicação não é falha do sistema: o sistema funciona exatamente assim. A angústia se agrava porque a pessoa *tem* o direito; os errados são eles. (Paralelo trazido na reunião: o desmonte da estrutura normativa ambiental construída desde Estocolmo-72, passando por 88 e pela Rio-92 — parques que viram shopping —, sob o neoliberalismo e o **aceleracionismo**, que, dada a impossibilidade de conter as mudanças climáticas, prega esgotar tudo até as últimas consequências.)

Conexão literária (trazida em reunião): o capítulo dialoga com *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Como Garabombo contra os donos das fazendas peruanas, **Fabiano é explorado pelo patrão e abusado pelo soldado amarelo** — o braço armado do Estado. Ambos os livros expõem uma estrutura jurídico-administrativa que protege o forte e apaga o fraco.

7. Capítulo 5 — Duas vozes intercaladas

Capítulo construído em **dois planos simultâneos**, sinalizados (sem espaçamento editorial, o que dificulta a leitura) pela alternância entre letra normal e itálico:

1. **Normal** — a conversa do farmacêutico **Lovatón** recepcionando Garabombo.
2. **Itálico** — uma discussão entre **capangas dos fazendeiros que se preparam para matar Garabombo** ("Cada vez que penso nesse cabra, fico putado da vida... Eu conheço alguém que pode nos aliviar dessa dor de dentes...").

Falta de um asterisco ou espaçamento torna a transição obscura numa primeira leitura — recurso que, pessoalmente, considero enfadonho aqui. (Vamos prosseguir o debate do capítulo 5 na próxima reunião)

8. Outras pistas levantadas

- **Dalcídio Jurandir** (Pará, pós-ciclo da borracha): autor citado por Silvana, ligado ao movimento cultural paraense dos anos 60–70 e ao Partido Comunista; não se deixa reduzir ao regionalismo ufanista. Possível diálogo com Scorza, a investigar.
- Lembrete metodológico para o grupo de decolonialidade: a literatura brasileira é praticamente ignorada fora do país — nem Machado, Jorge Amado ou Clarice circulam com firmeza. Daí o interesse em **dar ênfase a autores brasileiros** num próximo curso.

9. Decisões programáticas sobre a evolução das reuniões

Revista PUB / parceria internacional

- Está em montagem a **comissão editorial** da Revista PUB, com a parceria dos professores conhecidos na França (Poitiers), além de colegas da Alemanha, do Peru e outros.
- Foi disponibilizado um **documento (DOC) compartilhado** para que os participantes escrevam, opinem e sugiram. Quem quiser participar deve **enviar e-mail** para ser autorizado a entrar no doc. (Já incluídos/previstos: Ana, Marina, Diana e Karla.)
- **Título sugerido** para o volume/encontro: *"Diálogo entre a literatura brasileira e a peruana"* — cada participante pode escolher um autor brasileiro e pô-lo em diálogo com autores peruanos.
- **Critério editorial:** não se prender ao rigor temático; o eixo é a afinidade do participante com a obra e a conexão com o debate do grupo — ecologia, economias primárias, exploração minerária e agropecuária, questão ecológica em sentido amplo.

Encontro internacional

- Pretende-se realizar, **no final de setembro**, um encontro virtual com a rede de professores (Poitiers, Peru, Alemanha etc.).
- Meta de **trazer também o pessoal de Letras da USP** para esse encontro.

Funcionamento dos encontros do grupo

- **Novo horário de início para os dias 22 e 29 de junho: 17h30** (Brasília), para acomodar participante no Mato Grosso (uma hora de diferença) — sem se estender muito além disso.
- **Próximo encontro:** releitura rápida dos capítulos já vistos, com anotações sobre o que não foi debatido; retomar as questões levantadas por Dina e ouvir Karla, que chegou mais tarde.
- **Divisão de capítulos para o próximo encontro** (após remanejamento, porque Marcos estará viajando a Buenos Aires):
 - **Dina:** capítulos 5 e 6

- **Diana:** capítulos 7 e 8
- **Ana Cristina:** capítulos 9 e 10
- Silvana segue acompanhando "na medida das possibilidades" e poderá expor quando se sentir à vontade (vinha lendo, entre outros, a poesia de Neruda).

--

Grupo de Pesquisa "Geografia, Literatura e Arte" - FFLCH/USP

Linha de Pesquisa: Literatura, Ecologia e Decolonialidade: Leituras da América Latina

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/61904212277177331417812>

You received this message because you are subscribed to the Google Groups "Grupo de Pesquisa - Literatura, Ecologia e Decolonialidade/America Latina" group.

To unsubscribe from this group and stop receiving emails from it, send an email to gp-ledal+unsubscribe@googlegroups.com.

To view this discussion visit <https://groups.google.com/d/msgid/gp-ledal/CAG66omAexqAAHCpx-ROBSrkkbUt%3DNaVRt%3DukvksOSz%2BBETGRZA%40mail.gmail.com>.